Escravos Artesãos: Preço e Família (Rio de Janeiro, 1789-1839)

Carlos A. M. Lima

Doutor em História Social pelo IFCS/UFRJ.
Professor do Departamento de História da UFPR

RESUMO

O presente artigo avalia preços de cativos com ofícios artesanais na cidade do Rio de Janeiro entre 1789 e 1839, tanto tendo em vista padrões inscritos em sua evolução no tempo quanto retirando conclusões a partir do perfil por idades de suas avaliações. Lida com cerca de trezentos inventários post mortem*, contendo avaliações de mais de três mil cativos, dos quais pouco mais de mil com ofícios artesanais. Classifica os homens artesãos segundo seu grau de qualificação, diferenciando sua condição daquela das mulheres com ofícios mecânicos. A análise dos preços permite, em confronto com a avaliação da presença de laços familiares entre os mesmos, clarificar a inserção do artesanato na economia e na sociedade locais, bem como revisitar questões afetas ao patriarcalismo, à escravidão urbana e à comunidade escrava no Novo Mundo.*

PALAVRAS-CHAVE

escravidão - artesanato - família escrava - preços

ABSTRACT

This article compares prices of slave artisans and evaluations of slaves in general, men and women (Rio de Janeiro, 1789-1839). It deals with almost three hundred inventories of the estates of deceaseds, which contain evaluations related to more than three thousands slaves, including more than one thousand slaves trained as artisans. It also analyses information about slave families including artisans, as well as, through the questions mentioned above, the place of slave artisans in local economy and society.

KEY WORDS

slavery - craftmanship - slave family – prices

JEL classification

N36

INTRODUÇÃO

A inserção de escravos nos diversos âmbitos profissionais específicos foi, até o momento, pouco estudada. Chama-se freqüentemente a atenção para a pluralidade de ocupações exercidas por cativos (MACHADO, 1988, p. 152, por exemplo), o que é correto e necessário, mas ainda há o que fazer no tocante a estabelecer os regimes segundo os quais tais atividades se efetivavam, assim como no de identificar as maneiras pelas quais as relações entre senhores e cativos e os laços comunitários eram afetados pelas ocupações escravas.

A bibliografia pertinente habitualmente procede de uma maneira que, se bem se adapta aos objetivos específicos de cada texto, pouco ajuda a compreender e explicar os modos como as diversas atividades escravas eram exercidas. Normalmente observam-se **pontos de chegada** de cativos e só a partir daí busca-se entrever as trajetórias que os teriam levado até aqueles pontos. O melhor exemplo é aquilo que se estudou a respeito do artesanato escravo. Grande parte do material disponível em fontes secundárias a respeito dele aparece em estudos sobre o assim chamado **tratamento**, sobre as **alforrias**, ou sobre a **formação da comunidade escrava**. Ao se ler cartas de alforria, ou ao nos depararmos com informações sobre capacidade de consumir, encontram-se efetivamente vislumbres de trajetos bem-sucedidos de escravos no artesanato, já que tais trajetos lhes teriam facultado acumular pecúlios em montantes suficientes para alcançar a manumissão, ou para amealhar um poder de barganha que os levaria a conseguir alimentos e vestimenta melhores e menos escassos. (Os melhores exemplos são MATTOSO, 1982, p. 134ss, p. 188-9, p. 211-2 e GORENDER, 1980, p. 455) Este tipo de conclusão inegavelmente auxilia a compreender as alforrias e a possibilidade do escravo consumir mais. Mas não pode ser usado como algo que permita compreender o artesanato. Afinal, o procedimento - e os autores que o praticam insistente e legitimamente chamam a atenção para isso - não permite de modo algum afirmar-se que todos os cativos dedicados ao artesanato tinham as mesmas chances de formar os pecúlios necessários para a manumissão, por exemplo.

O decisivo, entretanto, nesse tipo de concepção, são os elementos que ela pressupõe quanto ao funcionamento das atividades artesanais. Parte-se do princípio de que ela era extremamente rentável. Parece estar postulado na seqüência do raciocínio que uma forte capacidade de produzir excedentes, considerada derivada de alto grau de "ladinização", aumentava em muito o poder de barganha dos cativos artesãos, permitindo-lhes auferir ganhos, tudo ligado à capacidade de circular com autonomia pelas cidades coloniais e do início do século XIX.

Neste trabalho, utilizo preços para avaliar a rentabilidade esperada do trabalho escravo no artesanato. Observo também algumas características técnicas do processo

de trabalho, especialmente o nível de treinamento profissional requerido de cativos. Trabalhar as parcas informações disponíveis a respeito de processos de aprendizado é importante para isso. Os preços de artesãos, entretanto, comparados aos observáveis entre os escravos urbanos dedicados a atividades outras que não os ofícios artesanais, são ainda mais importantes. O desempenho dos preços em atenção às flutuações e às idades dos cativos é capaz de informar a respeito da assim chamada "maturação", assim como sobre os graus e os limites do acréscimo de rentabilidade que se esperava da alocação de cativos no artesanato. Tudo nos coloca diante de dados a respeito da relação do artesanato escravo com o apuro técnico e com as flutuações e condições do mercado. Discuto também, com base nos mesmos inventários, a hipótese freqüentemente enunciada de que o escravo artesão teria sido, tipicamente, alguém nascido no Brasil. Esta concepção se liga imediatamente àquela segundo a qual o artesanato corresponderia a um dos processos de formação de uma quase elite cativa. O conjunto dos procedimentos encaminhados aqui toca neste problema. Ele será discutido sobretudo por meio da mensuração da presença de africanos e africanas entre os artesãos, comparada à mesma presença relativa entre cativos com outras ocupações.

Na segunda parte do artigo discuto a presença de laços familiares entre escravos artesãos, ainda a partir de inventários *post mortem*. A família escrava vem sendo há tempos considerada estratégica para a compreensão da formação da comunidade cativa. (FLORENTINO & GÓES, 1997; MOTTA, 1988) Conforme será visto, artesãos tinham poucas chances de criar laços familiares, o que prejudica a hipótese de que ser rentável levava a ser mais apto que os outros a efetivar algum tipo muito valorizado de estratégia.

SOBRE PREÇOS E CONDIÇÕES DA ATIVIDADE ARTESANAL CATIVA

O presente artigo baseia-se em 296 inventários *post mortem* abertos entre 1789 e 1839 na cidade do Rio de Janeiro, fornecendo informações a respeito de 3.268 escravos. Destes, 1.132 tinham ofícios artesanais, dos quais 77,1% eram homens. Esta amostragem provém de um procedimento específico, que demarca suas possibilidades e limites. Só foram levantados inventários de senhores que possuíam, antes de falecer, ao menos um cativo com ofício artesanal, de qualquer sexo. Assim, pôde acontecer de os cativos artesãos terem composto pouco mais de um terço da amostra.[1] Esta proporção, contudo, não deve ser confundida com aquela vigente

1 A amostragem usada aqui provém de levantamentos realizados para a elaboração de uma Dissertação de Mestrado e uma Tese de Doutoramento. Vide LIMA (1993 e 1997).

para o conjunto da população escrava da cidade e de seus arredores imediatos, que foi significativamente menor, ficando abaixo dos vinte por cento. (LIMA, 1998, p. 20)

O foco do artigo são os preços e os laços familiares destes homens e mulheres artesãos, o que requer algumas observações. Primeiramente, em relação aos preços, é de se notar que os presentes em inventários *post mortem* são avaliações, e não montantes efetivamente praticados no mercado. Mas estas eram feitas por negociantes de cativos, segundo o que fica indicado pelos atos por meio dos quais a Câmara da cidade os nomeava, o que promete alguma segurança.[2] Deviam efetivamente acompanhar as condições do mercado, para o que também contava o fato de que inventariantes e herdeiros tendiam a proteger seus interesses. Em segundo lugar, ocasionalmente serão realizadas comparações entre dados relativos a artesãos e a não-artesãos presentes na mesma amostra. Entretanto, dado o que ficou dito em relação a esta, informações sobre não-artesãos aqui contidas não podem ser aplicadas com segurança ao conjunto da população escrava sem ofícios no mesmo local. À medida que só foram levantados inventários de senhores que tiveram ao menos um escravo com ofício, não há segurança de que eles, quando possuíssem cativos sem aquele tipo de ocupação, não o fizessem segundo padrões diversos daqueles manejados pelos que não tinham nenhum artífice.

De maneira geral, considerei necessário definir conjunturas, em vez de tratar todo o período 1789-1839 como uma unidade. Embora nem sempre os dados se comportem sob influência das oscilações de médio prazo, a historiografia pertinente transmite alguma segurança quanto ao fato de uma população como a escrava ter sofrido fortes influências da variável conjuntura. (FLORENTINO, 1997, p. 46-7) É freqüente partir-se de um balizamento fundado na sucessão de fases A e B de Kondratieff, tendo em vista sobretudo as flutuações européias, o que apontaria para um intervalo expansivo, estendido entre 1790 e 1815-7, seguindo-se então uma fase de dificuldades que avançou até 1847-50. (ARRUDA, 1986) Entretanto, vem sendo afirmado que as oscilações da economia colonial e do Império tiveram certa especificidade. (FRAGOSO, 1992) Os períodos considerados foram, assim, estabelecidos da maneira que se segue.

Um período de dificuldades estendeu-se entre o início da década de 1790 (para efeitos práticos, considerarei o intervalo 1789-1807) e o instante imediatamente anterior à chegada da Família Real Portuguesa, em 1808. Fundamentam esta apreciação as flutuações do preço da farinha de mandioca na cidade do Rio de Janeiro (JOHNSON JR., 1973); o volume do desembarque de africanos no porto

2 Vide vários atos de nomeação deste tipo de avaliador em Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. *Senado da Câmara. Registros e Provisões.1793-1801,* códices 16-2-22 a 16-2-24.

do Rio de Janeiro (FLORENTINO, 1997, p. 46-7); a comparação das curvas dos preços do açúcar branco em Amsterdã e no Rio de Janeiro, que mostram disjunção ao longo do período (EISENBERG, 1988; JOHNSON JR., 1973); no tamanho médio das escravarias da cidade (LIMA, 1997, p. 24); na evolução das entradas de artesãos em atividade no mesmo local (LIMA, 1993, cap. 1); nos mapas de população da cidade do Rio, que indicam, para 1799, população escrava menor que a apontada para a década de 1780 e para 1821 (LINHARES & LÉVI, 1973; *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. XLVII, parte I, 1884, p. 27). Dados a respeito de regiões da América Espanhola sugerem algo parecido (TANDETER, 1991; GELMAN, 1992), de modo que a Guerra Européia teria tido efeitos inversos nos dois lados do Oceano (SCHWARTZ, 1988, p. 337ss). A transferência da Corte Lusa reverteu a tendência, juntamente com algum efeito da fase expansiva que se desenrolava no Velho Mundo, levando a que os indicadores referidos acima mudassem de rumo após 1808. O terceiro período, entretanto, só é passível, por enquanto, de uma caracterização relativamente mais ambígua. As chegadas de africanos cresceram, mas tornaram-se instáveis. (FLORENTINO, 1997, p. 46) Preços de cativos subiram fortemente, inclusive na África Central Atlântica (LOVEJOY & RICHARDSON, 1995), sobretudo a partir da década de 1830, tendo passado a estar, no Brasil, sujeitos às oscilações da vida política, a qual pressionava ora mais, ora menos, o tráfico de escravos. (FLORY, 1986; FERREIRA, 1995) Isto afetou o conjunto dos preços, que oscilaram fortemente na década de 1830, para enfim explodirem na de 1840. (LOBO, 1971) No entanto, mais que expansão, o quadro geral do intervalo sugere mudança estrutural, tornando delicada a leitura de indicadores.

Alguma experiência com o trabalho a respeito de artesãos (LIMA, 1993, 1997) no período sugeriu a necessidade de realizar uma segmentação do grupo para efeitos de análise. Os artífices eram profundamente diferenciados segundo uma série de critérios, sobretudo no tocante aos livres, em relação à riqueza. Mas também tinham destinos diversos - o que se aplica tanto a artesãos livres quanto a escravos - em relação ao grau de aprofundamento de seu treinamento profissional. Embora em meio a um ambiente extremamente rústico, do ponto de vista técnico, certas profissões exigiam treinamento mais prolongado que outras. Em função disso, os escravos artesãos do sexo masculino a serem analisados aqui foram divididos em dois grupos, de acordo com o grau de qualificação requerido por suas ocupações, conforme o Quadro 1 (Os quadros, tabelas e gráficos encontram-se no final do texto).

Vários critérios foram utilizados para realizar esta classificação, incluindo as fortunas médias atingidas por artesãos livres de ocupações análogas; o número de escravos detidos por estes últimos; o número de escravos em cada uma das ocupações. Um critério que pode ser discutido aqui é o ligado ao tempo do aprendizado. Os

artesãos homens em processo de aprendizado dos ofícios considerados qualificados tinham uma idade média de 20,6 anos e idade mediana de 19 anos. Já os dos ofícios tratados como pouco qualificados tinham idade média de 17,4 anos e mediana de 16 anos. Muitos aprendizes não estão consignados enquanto tais nas fontes, por razões que se ignora, mas que provavelmente prendem-se ao fato de que, a despeito de diferenças entre profissões mais e menos qualificadas, o nível das técnicas utilizadas era baixo, além do que a escravidão tornou pouco importantes as designações corporativas, assim como a própria organização artesanal corporativa. (LIMA, 1993, *passim*)

Estas diferenças nas idades médias e medianas de aprendizes nos dois grupos não devem ser creditadas inteiramente ao momento em que o aprendizado começava, refletindo antes sua duração mesma. Para verificá-lo, observe-se a Tabela 1, que retrata a distribuição por idades dos artesãos cativos.

Há diferenças entre muito e pouco qualificados quanto a sua distribuição por faixas etárias. Mas elas perdem importância em sua capacidade de explicar as discrepâncias entre as médias de idade no aprendizado de uns e outros. Aparecem, como se vê na tabela, escravos artesãos com menos de dez anos de idade (!), sendo significativo dos limites das fontes a respeito disso o fato de nenhum dos que foram registrados nessa condição aparecer como aprendiz (!).

Por outro lado, considerou-se o caso das mulheres escravas com ofícios artesanais como não justificando uma classificação com base na qualificação.[3] As análises seguintes podem ser consideradas confirmações *a posteriori* do acerto geral da classificação. Outras observações sobre os limites das fontes, assim como foram levantadas, serão feitas no decorrer do restante do texto. Veja-se agora a distribuição das mulheres e homens por idades (Tabelas 1 e 2).

Ao observar especialmente as idades dos dotados de ofícios, nota-se que estes são menos freqüentes, proporcionalmente, nas faixas etárias mais avançadas que os sem ofícios. Além do mais, percebe-se que isso era mais nítido entre as mulheres artesãs, o que é tanto mais significativo quanto se sabe que mulheres escravas provavelmente tendiam a ter vidas um tanto mais longas que seus companheiros de cativeiro do sexo masculino. (FOGEL & ENGERMAN, 1974a) Conforme será visto oportunamente, isto tem alguma importância dentro do esquema que será utilizado para avaliar a família (ou a ausência dela) entre cativos artesãos. É tanto

3 De fato, a esmagadora maioria das artesãs exercia a ocupação de costureira. Esta era certamente menos especializada que a de alfaiate, e este ofício masculino foi tratado aqui como pertencente ao conjunto das ocupações menos qualificadas.

mais carregado de indicações quanto se pode perceber que os ofícios artesanais não mostravam qualquer tendência a concentrar-se entre crioulos, dado que permite encarar criticamente muito do que foi escrito sobre escravos com ofícios como uma espécie de "elite" cativa (Tabela 3).

Como seria de se esperar, os que não tinham ofício artesanal, nas faixas etárias mais jovens (até os 14 anos, por exemplo), eram mais freqüentemente crioulos que africanos. Interpreta-se este dado sem dificuldade, à medida que se recorda o fato de que o tráfico africano se concentrava em adultos. Entretanto, no tocante aos com ofícios - não importando se muito ou pouco qualificados -, isto não se repetia. Nas faixas em que começavam a aparecer artesãos, estes já tendiam a surgir como africanos, o que é especialmente claro em relação ao período 1808-1825. Este último fato reflete, certamente, o impacto da conjuntura extremamente favorável para a economia local inaugurada entre 1808 e 1810, que consistiu sobretudo em uma forte expansão do tráfico atlântico. (FLORENTINO, 1997, p. 46) Ainda assim, é de se indagar a razão pela qual senhores não mostravam qualquer propensão a direcionar seus cativos crioulos para as ocupações artesanais. Novamente, a impressão corrente de que o artesanato instituía uma "elite" escrava se desvanece.

O caso é diferente no tocante às mulheres. Entre as levadas ao artesanato por seus senhores, de fato a presença de crioulas era mais importante que no grupo das não-artesãs. As taxas de africanidade das artesãs eram substancialmente mais baixas que as das escravas sem ofícios nas mesmas escravarias, e isto desde a mais tenra idade. Mas aqui não parece dar-se o caso de afirmar que seus ofícios representassem a aquisição de habilidades substanciais. Como já foi dito, os artesãos de ambos os sexos tendiam a desaparecer após uma certa idade, sendo isto ainda mais evidente no tocante às mulheres artesãs. Assim, não se justifica qualquer espécie de raciocínio no sentido de que as artesãs tinham de ser crioulas porque as capacidades a serem aprendidas no treinamento eram sofisticadas, exigindo alto grau de "ladinização". Os ofícios masculinos eram mais complexos, e no entanto os que os exerciam eram sobretudo africanos. Além disso, se as ocupações artesanais femininas fossem assim tão complexas, não se justificaria o desaparecimento das artesãs em idades mais avançadas. Tudo isto será revisitado mais a frente, com base no perfil por idade dos preços.

A evolução dos preços de artesãos no tempo evidencia algumas questões importantes. Para dimensioná-lo, observem-se, nas Tabelas 4 e 5, as avaliações médias de escravos do sexo masculino com idades de entre 15 e 29 anos e ofícios artesanais pouco qualificados, bem como de mulheres com ofícios artesanais na mesma faixa etária. Nelas, estas avaliações médias são confrontadas com as relativas aos cativos sem ofícios na mesma amostra, assim como com as resultantes do tratamento de outra

amostragem de escravos urbanos (feita **sem** considerar exclusivamente as escravarias com artífices).[4]

Quando são comparados os dados das Tabelas 4 e 5, nota-se que as diferenças entre as avaliações de artesãos pouco qualificados e mulheres com ofícios não eram muito grandes. No intervalo 1789-1807, as avaliações médias das mulheres com ofícios chegaram a 87% das dos homens com ofícios corriqueiros. No período 1808-1825, a mesma relação alcançou 98%, subindo a quase 108% entre 1826 e 1839. Os dados parecem caminhar mais no sentido de pequenas diferenças entre homens pouco qualificados e mulheres (90 a 95%, como em Moreno FRAGINALS, KLEIN & ENGERMAN, 1983), do que na direção de mulheres valendo pouco mais de três quartos do preço de homens (como na análise de preços de alforrias realizada por MATTOSO, KLEIN & ENGERMAN, 1988, p. 69). Enfatize-se também que as flutuações das condições do mercado podiam ter um impacto grande o suficiente para fazer com que preços de mulheres artesãs ultrapassassem o dos homens com ofícios ordinários, como foi visto em relação a 1826-1839.

Na esmagadora maioria dos anos, os preços dos artesãos eram significativamente maiores que os dos outros escravos, e isso em níveis próximos ou um tanto maiores que os apontados por Moreno Fraginals, Klein e Engerman (1983) em relação a Cuba em meados do século XIX. Mas há mais duas observações. Primeiramente, a de que as diferenças entre os preços de escravos artesãos de ambos os sexos e as avaliações de escravos em geral na mesma faixa etária tenderam a ser maiores no período recessivo (anterior a 1808). Em segundo lugar, a de que saltos eventuais e de curto prazo de preços de escravos manifestavam-se com maior força entre os artesãos do que no tocante ao conjunto da massa cativa, sobretudo no período anterior a 1808 e no intervalo entre 1810 e 1825. Tal se exprime com clareza nos desvios padrões, maiores no caso dos escravos com ofícios.[5] Isto equivale a afirmar que as flutuações dos preços de artesãos eram mais bruscas que as dos outros, sobretudo se se levar em conta que há artesãos incluídos entre estes últimos.[6] Tudo

4 Os preços aqui trabalhados estão expressos em libras esterlinas. O período anterior a 1808 pode ser considerado deflacionário (ARRUDA, 1986, p. 145), mas os dados relativos aos anos que se seguiram devem ser deflacionados, o que se fez aqui convertendo-os para a libra, moeda com padrão-ouro. Isto impôs a conversão também dos dados anteriores a 1808. Quanto a estes, foi utilizada taxa fornecida por SIMONSEN (s/d.), aplicando-se aos posteriores aquelas fornecidas por MATTOSO (1982).

5 A exceção foi o período 1826-1839. Sugiro que, tratando-se de instante de mudanças estruturais, segundo os indícios disponíveis, foi o intervalo que assistiu a mudanças também na organização do artesanato.

6 É verdade que problemas atinentes à amostragem e ao procedimento podem ter influenciado muito estes resultados. Primeiramente, a amostra de artesãos é menor que a do conjunto dos cativos, tornando assim os dados relativos aos primeiros mais sujeitos à influência dos desvios. Em segundo lugar, uma amostra refere-se a um único tipo de atividade, ao passo que a outra combina dados a respeito de várias. A segunda, portanto, pode estar influenciada pelo fato de flutuações específicas de cada uma delas serem eventualmente contrabalançadas pelas de outras. Apesar destes problemas serem de fato importantes, as análises seguintes confirmam o que se afirma a respeito das oscilações realmente muito bruscas das condições do artesanato.

caminha no sentido de que o artesanato se mostrava uma das atividades escravas mais especulativas.

Médias anuais dos preços dos artesãos mais qualificados só seriam possíveis para poucos anos, e assim mesmo basear-se-iam em muito poucas observações. Por isso seus preços não aparecem na Tabela 4. Quando se fizerem perfis por idades dos preços (Gráficos 1 a 5, analisados mais a frente), será possível observar que as avaliações dos artesãos mais especializados, no conjunto do período 1789-1839, eram substancialmente maiores que as dos praticantes de ofícios corriqueiros. Entretanto, um procedimento qualitativo, observando anos de preços altos dos pouco qualificados, permite retomar a questão enunciada no parágrafo anterior, sobre a tendência a muito fortes oscilações dos preços dos artesãos, pensando na dinâmica das relações entre os preços dos escravos com ofícios. Durante o intervalo 1789-1807, os artífices pouco qualificados alcançaram suas maiores avaliações entre 1800 e 1803. Para estes anos, o número de qualificados inventariados não permite médias anuais seguras. Mas àqueles anos seguiu-se o de 1807, quando os artesãos pouco especializados alcançaram a avaliação média de 47,8 libras esterlinas, 16% superior à média do intervalo, por si só bastante influenciada pelos altíssimos preços alcançados por eles entre 1800 e 1803. Naquele mesmo ano de 1807, os artesãos dos ofícios mais sofisticados foram avaliados em, em média, 33,9 libras, valor quase trinta por cento **menor** que o atingido pelos menos qualificados. No intervalo 1808-1825, a maior avaliação média dos pouco especializados foi alcançada em 1818, mas é novamente impossível estabelecer uma média confiável dos muito qualificados para este ano. Em seguida veio 1810, com a segunda maior avaliação média dos corriqueiros (43,0 libras), e para este ano uma média relativa aos qualificados é viável. Ela foi de 38,2 libras, mais uma vez substancialmente **menor** que a dos menos treinados. Para o período 1826-1839, as maiores médias foram alcançadas em 1829, 1834 e 1835. Para 29 e 34 não há média dos mais qualificados. Quanto a 1835, suas avaliações chegaram à média de 72,7 libras, apenas então, em se tratando de um ano de preços altos, efetivamente maior que a dos pouco especializados, da ordem de 60,3 libras. Já as avaliações pertinentes ao ano de 1832 mostram, mais uma vez, os mais qualificados custando menos que menos especializados, e 1832 também foi um ano de avaliações dos corriqueiros mais altas que a média do intervalo (39,8 libras). Neste ano, qualificados receberam avaliações de, em média, 26,8 libras. Esse conjunto de inferências de tipo qualitativo sugere que intervalos nos quais os preços dos pouco qualificados fossem muito altos atingiam de cheio as avaliações dos mais treinados, rebaixando seus preços. Fica subentendido que as relações entre os preços de ambos os tipos de artífice eram extremamente cambiantes, de modo a permitir escrever sobre oscilações muito bruscas nos mercados para seus respectivos produtos.[7] Estas muito fortes mudanças

7 Os desvios padrões dos preços médios anuais estampados acima corroboram esta imagem.

nas relações entre os preços de artesãos com níveis de treinamento muito diferentes sugerem o quanto a atividade artesanal urbana ficava dependente das flutuações do mercado, que, sabe-se, eram brutais. (FRAGOSO, 1992)

Mais do que mostrar o quanto a dinâmica dos preços de escravos era tributária da demanda local,[8] demonstram como era extremamente dramático o caráter especulativo da atividade artesanal encaminhada por senhores de escravos, entendendo-se por especulativa a prática de adaptar com muita força a natureza das atividades exercidas no interior de cada unidade produtiva a condições muito cambiantes do mercado. (FRAGOSO, 1992) O ponto requer mais comentários. Douglas Libby vem desvendando, de modo bastante pertinente, atividades **rurais** do setor de transformação como profundamente inseridas na organização mesma das unidades camponesas, sobretudo em Minas Gerais durante a passagem do século XVIII para o seguinte. (LIBBY, 1988, 1991, 1997) Em seu trabalho podem ser lidas afirmações como a seguinte:

> "*Existe ampla evidência de que as tradições da produção têxtil persistiram em várias partes do Brasil, adentrando o século XIX. As tradições têm de ter uma base nas experiências do passado: no caso em tela, a experiência do passado era a relativa disseminação da produção têxtil doméstica*." (LIBBY, 1997, p. 104)

Libby estabeleceu também que as atividades têxteis eram encaminhadas em forte articulação com as características mais intrínsecas das unidades agrárias. Seu ritmo era o do ciclo agrário. Sua força de trabalho, as famílias dos donos dos teares, predominantemente. (LIBBY, 1997, p. 109, 121) O quadro visível por meio dos preços do artesanato urbano é completamente diferente. A demanda pelo trabalho destes cativos variava profundamente ao longo do tempo. Além disso, a procura pelos diversos produtos artesanais era intensamente cambiante, privilegiando ora uns, ora outros tipos de oficial mecânico. O processo tinha magnitude suficiente para fazer com que as avaliações perdessem qualquer relação com os custos do aprendizado, os quais, aliás, não parecem ter sido pequenos.

Este último ponto ainda é pouco conhecido. Uma das poucas indicações encontradas a respeito disso provém de um inventário *post mortem* de 1798. Neste ano, faleceu Manoel Martins Ferreira, entre cujas dívidas passivas se achava menção a uma

8 Lembre-se, a respeito, o que foi dito mais acima quanto a uma duração substancialmente mais longa do aprendizado dos artesãos de ofícios mais sofisticados. Isto implica custos de treinamento mais elevados. Lembre-se, a respeito da relação entre preços e demanda, a afirmação de MORENO FRAGINALS, KLEIN & ENGERMAN (1983, p. 1201) no sentido de que "*slave prices reflected the expectations of planters about a slave's net productivity and the period over which a slave could be productive*."

querela judicial, "*aqual está ainda correndo enella pedia odo Antº Joze Perª aofallecido 51$200 por falsamtᵉ dizer que tinha ensignado oescravo Manoel oofficio de Carpintrº*"[9] Não fica claro nem se os 51$200 eram ou não o preço pago pelo ensino do ofício. O mais provável é que incluíssem também alguma indenização ao senhor pelo fato de que o escravo supostamente aprendiz atuara durante algum tempo com o também suposto mestre. O fato é que se devia computar também como custo do aprendizado o rendimento efetivado durante o intervalo em que o aprendiz permanecia sob controle de seu mestre, caso este não fosse seu próprio senhor. Assim, ao pensar-se nos custos do ensino de qualificações artesanais, dever-se-á ter em mente quantias comparativamente elevadas. Isto porque elas representariam cerca de metade do preço de um escravo do sexo masculino em qualquer ocupação na mesma época. Significativamente, entretanto, despender esta soma com a aquisição do ofício pelo escravo não implicava aumentar em 50% o preço deste último, como se percebe por meio dos dados das Tabelas 4 e 5. Ainda mais significativo é o fato de que, não obstante os preços elevados do ensino, escravos podiam ser encontrados exercendo mais de uma atividade artesanal, normalmente dentre as menos qualificadas.

Outro exemplo: um libelo cível do final da década de 1810 informa que Felicio Crioulo fugiu ou foi vendido por sua senhora (este é o motivo da querela). Passou três anos afastado de "casa" (São Gonçalo). Jose Antonio de Almeida, que acolheu, escondeu ou comprou o cativo (esta a sua alegação) o pôs "*a aprender o ofício de correeiro na loja de Jose Maria Esteves, na rua do Ouvidor*." Mas Felício também já havia exercido o ofício de pedreiro.[10] Assim, por mais que o aprendizado fosse relativamente caro, podiam ser encontrados artesãos escravos que haviam passado por mais de um ofício,[11] o que, de outra parte, alude mais uma vez ao caráter especulativo da atividade.[12] Mas denota igualmente sua rentabilidade.

Rentabilidade e impacto do aprendizado sobre os preços são questões passíveis de melhor tratamento por meio da observação da evolução dos preços conforme a idade dos cativos. Os dados acham-se nos Gráficos 1 a 5. Eles se baseiam em procedimento sugerido por bibliografia recente, mas submetido a alguma adaptação. (MORENO FRAGINALS, KLEIN & ENGERMAN, 1983, p. 1214-5) Preços de

9 Arquivo Nacional. *Inventário post mortem de Manoel Martins Ferreira, 1798*, caixa 1117, n. 8943.

10 Arquivo Nacional, Seção do Poder Judiciário, Correição Cível da Corte. *Libelo Cível. Réu: Felício Crioulo, 1819,* n. 5044, caixa 248, galeria C.

11 O mesmo se aplica a artesãos livres nos mesmos período e local. Cf. LIMA (1993).

12 Neste ponto, assim como no restante do texto, manejo o termo "especulativo" remetendo ao próprio caráter do mercado em presença, de acordo com historiografia recente. No que toca ao objeto deste trabalho, o termo especulativo aponta para as fortes flutuações que impactavam os preços dos diversos bens movimentados no mercado interno, o que atingiria os produtos do trabalho artesanal. Ver, a respeito, FRAGOSO (1992).

escravos sofriam fortes variações anuais. Além do mais, os números de escravos em cada uma das faixas etárias em determinado ano são pequenos. Diante disso, é necessário um procedimento que permita observar, com segurança, as **relações** entre os preços fixados para as diversas faixas etárias, abstraindo oscilações, no transcurso do tempo, da moeda e dos preços em geral. Calcularam-se então os preços médios de escravos com ofícios pouco qualificados e idades de entre 20 e 29 anos em cada um dos anos representados na amostra. Calculou-se em seguida a razão entre o preço de cada um dos escravos e a média dos pouco qualificados (20-29 anos) do mesmo ano. Todos os resultados foram multiplicados por cem, a fim de facilitar a visualização de diferenças porcentuais. Um exemplo: em 1795, Joaquim Rebolo, do serviço de casa, foi avaliado por 102$400. Neste mesmo ano, a média dos preços dos escravos artífices pouco qualificados com entre 20 e 29 anos também foi de 102$400. Conseqüentemente, a razão correspondente a Joaquim foi de exatamente 100.[13] Note-se que as razões relativas às mulheres foram calculadas da mesma maneira, ou seja, comparando seus preços com os de **homens** com idades entre 20 e 29 anos e ofícios artesanais pouco qualificados. Os Gráficos 1 a 5 mostram as razões, calculadas como exposto acima, no caso de homens com ofícios mais qualificados, homens pouco especializados, mulheres com ofícios, homens e mulheres sem ofícios artesanais mas presentes na mesma amostra.[14]

Iniciando pela comparação entre homens e mulheres sem ofício na amostra (Gráficos 4 e 5), observam-se ligeiras diferenças entre os desempenhos iniciais dos preços de ambos. Renovam-se aqui as constatações a respeito dos diferentes ritmos de "maturação" de meninos e meninas, embora as diferenças, neste caso,

13 A diferença entre este procedimento e o manejado em MORENO FRAGINALS, KLEIN & ENGERMAN (1983) reside em que estes autores calcularam a média destas razões (mantendo-as em seus valores originais, sem multiplicá-las por cem), utilizando estes valores para estabelecer suas curvas. Acresça-se que aqui não foram consideradas separadamente as avaliações de crioulos e africanos. Um confronto entre os preços de ambos, levando em conta sexo, faixa etária e grau de qualificação artesanal mostra que as diferenças não eram muito grandes. As avaliações de crioulos pouco qualificados e crioulas com ofícios, nos dois casos com idades entre 15 e 39 anos, oscilavam entre serem 25% menores e 25% maiores que as de africanos nas duas mesmas categorias. Diferenças substanciais só aparecem em relação a crioulos com ofícios qualificados. Quando tinham entre 25 e 34 anos, eles podiam valer cerca do dobro dos africanos na mesma categoria. Mas, como a taxa de africanidade correspondente é muito alta, os diferenciais não afetam intensamente os dados. Por fim, poder-se-á verificar que o impacto causado pela consideração conjunta de africanos e crioulos, além de pequeno, teve sentido oposto ao das conclusões, e desse modo reforçou-as.

14 A fim de permitir melhor visualização, foi incluída nos gráficos uma polinomial de sexta ordem, conforme o praticado em FOGEL & ENGERMAN (1974b, p. 80). Os diferentes gráficos deste estudo são afetados pelo fato de que cada um lida com quantidades extremamente diferentes de observações, assim como pela circunstância das distribuições de cada categoria analisada pela idades terem sido muito diversificadas. Assim, as curvas de tendência devem ser lidas com cautela, atentando apenas para seu formato geral. Não se deve tentar comparar dados sobre idades específicas nos diferentes gráficos.

não fossem muito grandes.[15] Uma "maturação" mais rápida exprimia-se no fato de escravas chegarem ao ápice de seus preços mais rapidamente que homens, não obstante as diferenças em relação a isso terem sido pequenas. É importante frisar este momento de ápice, a fim de iniciar comparações que se mostrarão ainda mais importantes quando da análise dos perfis relativos a artesãos. Mulheres sem ofício na amostra atingiam o cume de seus preços pouco após os vinte anos. Homens faziam-no em instantes mais próximos dos 25 anos.

Mello estabeleceu perfis para meados do século XIX em São Paulo. Em relação às mulheres avaliadas nos anos de 1846, 1848, 1851 e 1868, seus maiores preços ocorriam em idades mais próximas dos 25 que dos trinta anos. (MELLO, 1980, p. 84-8) As mulheres sem ofício, da amostra aqui analisada, alcançavam-nos em momento aparentemente anterior a isto. Mais tarde será visto que as artesãs chegavam ao auge ainda antes. Assim, levando em conta ambas as situações, já que Mello verifica preços do conjunto das cativas, sem distinguir ocupações, as escravas do Rio de Janeiro no período que se estuda aqui "maturavam" de modo relativamente mais rápido que as paulistas de períodos posteriores.

Algo semelhante se verifica na comparação entre homens sem ofício de minha amostra e o conjunto dos varões estudados por Mello. Os não-artesãos do Rio de Janeiro chegavam a suas melhores avaliações aparentemente ao redor dos 25 anos. Os escravos homens na São Paulo de 1846, 1848, 1851 e 1868, por outro lado, faziam-no em instantes mais próximos dos trinta anos. (MELLO, 1980, p. 84-8)

Dispõe-se também de avaliações a respeito dos preços de africanos recém-chegados a Cuba no século XVII. De La Fuente Garcia calcula médias por idade para o período 1600-1640 e para o ano de 1698. Preços de mulheres atingiam seu máximo, em ambos os casos, pouco antes dos 25 anos. As quantias pagas por homens, por outro lado, chegavam a um pico em idades pouco posteriores aos 25 anos, no primeiro período, ao passo que no segundo o faziam ainda um pouco mais tardiamente. (DE LA FUENTE GARCIA, 1990, p. 393) No tocante ao *timing* dos preços de homens e mulheres, as pequenas diferenças seiscentistas cubanas se aproximam do caso de varões e escravas sem ofício no Rio de Janeiro. Nos dois casos, os ápices dos preços estiveram muito chegados no tempo.

15 MORENO FRAGINALS, KLEIN & ENGERMAN (1983) chamam a atenção para dados produzidos pela historiografia dos preços de escravos, mostrando ter sido possível que as diferenças entre avaliações de homens e mulheres não fossem muito grandes, tendo podido ocorrer situações de mulheres ligeiramente mais caras. (1983, p. 1212) Note-se que os dados relativos a Cuba, inscritos no próprio trabalho dos autores, mostraram uma situação na qual mulheres tendiam a avaliações que montavam a cerca de 90 a 95% dos preços de homens, situação tida por mais geral. (MORENO FRAGINALS, KLEIN & ENGERMAN, 1983, p. 1210)

Algumas discrepâncias aparecem na Cuba do século XIX (anos de 1856, 1859, 1861 e 1863). Ali, os auges das avaliações de crioulas e de africanas ocorriam entre os 25 e os 30 de idade. Crioulos, por volta dos trinta; e africanos, pouco antes. (MORENO FRAGINALS, KLEIN & ENGERMAN, 1983, p. 1214-5) Quanto a homens no Sul escravista dos Estados Unidos, o padrão é bastante semelhante: "*prices rose until the late twenties and then declined*." (FOGEL & ENGERMAN, 1974, p. 73)

Até aqui foram comparados preços de homens e mulheres sem ofícios artesanais no Rio de Janeiro com várias situações nas Américas, analisadas sem diferenciação por tipo de ocupação. Passa-se agora à descrição e depois à comparação dos perfis relativos a homens e mulheres inseridos no artesanato.

Observando os perfis relativos a todos os cativos com ofícios (homens qualificados, homens pouco qualificados e mulheres artesãs, nos Gráficos 2, 1 e 3, respectivamente), percebe-se que as curvas que os representam chegavam, no ápice, a valores substancialmente mais altos que na situação dos não-artesãos, o que mostra uma rentabilidade pronunciadamente mais elevada. Além disso, elas tinham um formato diferente daquela dos cativos sem ofícios de ambos os sexos. Elas eram significativamente mais "arrendondadas", refletindo uma tendência a que a queda de seus preços após o ápice fosse menos brusca que em relação aos sem ofícios.[16] Segue-se que, levando em conta o conjunto da vida de um escravo artesão, o montante de renda que ia parar às mãos de seu senhor era muitíssimo maior que o proveniente do trabalho de cativos que não atuavam no artesanato. É de se notar, quanto a isso, terem sido as diferenças entre homens com e sem ofícios mais pronunciadas que as relativas a mulheres nas duas situações. Mas, no geral, resulta do exposto que se ganhava muito com o artesanato exercido por cativos.

Outra ordem de fatores liga-se ao fato de que o ápice do artesanato feminino se dava antes dos vinte anos de idade, em momento de fato pouco anterior ao do auge das cativas sem ofício, o que se deve acrescentar à observação de que o preço máximo das primeiras era mais de dez por cento maior que o das segundas. Deve-se lembrar, ainda, que a queda após o ápice era mais fraca entre as artesãs que entre as sem ofício. Embora, repito, este desempenho diferenciado entre as mulheres tenha sido menos forte que no caso dos homens, ele ainda assim fazia diferirem as trajetórias de escravas.

16 Assim, verifica-se que a conhecida afirmação de que os preços dos cativos caíam bruscamente por volta dos quarenta anos, apesar de se aplicar aos cativos sem ofícios de minha amostra, assim como às mulheres artesãs, não vale, ao menos não sem muitas ressalvas, aos homens artesãos pouco ou muito qualificados. Sobre a generalidade da queda pós-quarenta anos, vide Moreno FRAGINALS, KLEIN & ENGERMAN (1983), BERGARD (1987 e 1994) e MARCONDES (1998, p. 308).

Como adendo, note-se que o auge das mulheres artesãs era o mais precoce de todos, anterior não só ao das outras mulheres, como também ao dos homens. A simplicidade relativa de seu treinamento era certamente a causa disso, o que leva a sublinhar os diferentes estatutos de homens e mulheres com ofícios, algo que terá importância mais adiante, quando se estiver analisando a família entre escravos artesãos. Moreno Fraginals, Klein e Engerman afirmam que os preços de escravos refletem a "*net productivity*", mais que o montante absoluto dos ganhos do senhor. (1983, p. 1201) Nestes termos, afirmo que a simplicidade dos ofícios femininos fazia com que os custos de seu treinamento fossem menores. Mas isto, apesar das aparências, não constituía estímulo substancial a que escravistas multiplicassem o número daquelas, porque: a) havia diferenças técnicas entre ofícios masculinos e femininos, fazendo com que atendessem a segmentos diversos da demanda; e b) ofícios femininos eram predominantemente voltados para dentro do mundo doméstico, o que se avalia lembrando que a maioria esmagadora das artesãs eram costureiras, ocupação doméstica que deve ser contrastada, por exemplo, com a mais mercantil atividade dos alfaiates.[17]

Assim, creio, se explica o fato de ter havido poucas artesãs de idades mais avançadas, em comparação com o caso dos homens. Tratava-se de ofícios simples, aprendidos rapidamente, mas ainda assim voltados "para dentro de casa", e estando, portanto, mais atrelados a necessidades domésticas que às condições do mercado. Claro que aquelas necessidades domésticas não deviam ser pequenas, o que se mede pelos preços mais elevados das artesãs. Por outro lado, fazer com que cativas treinadas no artesanato passassem a outras ocupações não significava desperdício do que se havia investido em seu treinamento, pois este, no fim das contas, fora comparativamente simples e barato.

Atentar para os homens com ofícios artesanais em conjunto revela auges de preços substancialmente mais tardios que os de todas as outras categorias. Isto deixa patente a maior complexidade de seus ofícios, produzindo períodos mais longos de aprendizado. Artesãos pouco qualificados ficavam "prontos" ao atingir idade próximas dos trinta anos, ao passo que os de ocupações mais sofisticadas só o faziam quase com quarenta. Supondo-se que ambos os tipos de artífice começassem a aprender por volta dos dez anos de idade, o que não força demais a evidência disponível, ter-se-á que senhores de cativos com ofícios qualificados deviam esperar pelo auge de sua rentabilidade intervalos maiores que vinte e cinco anos, enquanto quinze anos ou pouco mais afigura-se uma marca razoável quanto a artesãos pouco

17 Ver a respeito LIMA (1993).

qualificados. Qualificados passavam por processos de aprendizado quase duas vezes mais longos.

Corroborando mais uma vez a noção de que estas avaliações refletiam a rentabilidade esperada dos escravos, e não os dispêndios necessários a seu treinamento, note-se que, não obstante as diferenças de custos de treinamento verificadas entre ambas espécies de cativos artífices, as avaliações dos qualificados, no auge, eram bastante superiores às observáveis no ápice da rentabilidade dos pouco qualificados (cerca de 30% superiores, aparentemente). No entanto, tal não constituía estímulo significativo a que senhores multiplicassem o número de artesãos qualificados em suas escravarias. Além da "espera" pelo apresto do cativo, os senhores destes deviam arcar com custos de aprendizado muitíssimo mais elevados.[18] Se bem tais custos resultavam, no fim das contas, em maior produtividade, ainda assim as diferenças entre seus montantes absolutos faziam intervir com força os problemas ligados à parca disponibilidade de capital presente entre a maioria dos proprietários. (FRAGOSO, 1992)

Do precedente se infere que a situação dos escravos com ofícios artesanais de modo algum justifica qualquer associação sua a alguma espécie de "elite cativa". Diversamente, o que ressalta é a circunstância de terem permanecido sob estrito controle senhorial. É oportuno, então, passar ao problema da família escrava e de seu impacto no artesanato.

ARTESANATO ESCRAVISTA E FAMÍLIA

Diante do que ficou exposto em relação a preços, e observando as Tabelas 6 e 7, deve-se retomar o relacionamento, já sugerido pela historiografia da família escrava

18 Outra possibilidade fica bastante clara por meio da análise. Caso se leve em conta que grande parte dos custos de treinamento se confundiam com o fato de que o aprendiz trabalhava para seu mestre, escravos que se estivessem treinando em ofícios complexos podiam ser extremamente rentáveis **caso pertencessem a seus mestres**. Isto pode ajudar a explicar o montante da fortuna de um caldereiro morto em 1811. José Francisco de Oliveira possuía bens avaliados, naquela data, em mais de sessenta contos de réis. Cf. LIMA (1993, p. 196). É de se notar, igualmente, que não era só o aprendizado que desestimulava senhores a treinar seus escravos em ofícios qualificados. Observando o Quadro 1, nota-se que muitos dos ofícios considerados mais qualificados tinham alguma ligação com a metalurgia. Suas atividades, portanto, dependiam fortemente da aquisição de matérias-primas de custo elevado, como o ferro. Inversamente, os ofícios aqui considerados como pouco qualificados, para além de utilizarem em grande parte matérias-primas locais e portanto mais baratas, dirigiam-se preponderantemente (cf. Quadro 1) para a produção de bens de consumo, elemento de grande importância em sociedade que mostrava forte viés aristocrático. Ha detalhes sobre estas questões em LIMA (1993).

no Brasil (FLORENTINO & GÓES, 1996a), entre especialização profissional e laços familiares. As referidas Tabelas 6 e 7 avaliam a presença de escravos com laços familiares passíveis de ser capturados por meio da leitura dos inventários. Como regra geral, eles só informam sobre laços de filiação (sendo pouco provável que adultos filhos de pais vivos fossem descritos como rebentos daqueles), maternidade e paternidade legitimada. Podem ser inferidos também laços de fraternidade, os quais tendencialmente só eram expressos diretamente na situação de orfandade.

Iniciando pelos homens (Tabela 6), nota-se ter-se dado uma progressão nítida quanto à consecução da família escrava. Ela se iniciava com os homens sem ofício (lembro que inseridos em plantéis que possuíam também artesãos), comparativamente muito mais aptos a construir laços familiares que os restantes. Seguiam-se os homens com ofícios pouco qualificados, chegando-se, por fim, aos muito qualificados, praticamente excluídos de laços familiares. Fica indicada uma associação nitidamente negativa entre grau de especialização artesanal e acesso a relações familiares. Período de aprendizado e vinculação com o mercado faziam, portanto, valer seus efeitos, e de forma dramática.

As posições no interior desta gradação, entretanto, modificavam-se de acordo com as conjunturas. O período de retração (1789-1807) parece ter sido mais propício à família escrava que a fase subseqüente, conforme se observa por meio dos indicadores relativos aos homens sem ofícios na amostra.[19] Avançando, percebe-se que a posição dos homens pouco qualificados, durante as fases recessivas, aproximava-se mais da situação dos sem ofício que da condição dos qualificados. Já nas épocas de expansão, as condições para seu acesso à família parecem ter sido mais afins às vigentes para os qualificados, sempre excluídos, em termos práticos, da constituição de laços familiares. Em se tratando de atividade tão intrinsecamente ligada ao mercado quanto o artesanato, o destino dos artesãos pouco qualificados dependia muito do estado deste mesmo mercado. A expansão, ou bem desagregava famílias escravas que incluíssem aquele tipo de artífice, ou bem vedava a eles o acesso à formação de laços familiares.

Qualificados, por outro lado, estiveram sempre desligados daquele tipo de interação, de modo parecido àquele segundo o qual os pouco qualificados sempre mostraram indicadores menos favoráveis que os dos sem ofício. Então, sugiro, não era apenas o mercado que os afastava da família. O aprendizado devia igualmente fazê-lo. Estar sob custódia estrita do senhor e/ou do mestre devia separá-los da comunidade

19 O que concorda com as constatações de FLORENTINO & GÓES (1997, p. 113-25).

escrava, não apenas fisicamente, mas pensando também nos esquemas políticos de instituição daquela comunidade.[20]

Devem ser acrescentadas também as circunstâncias ligadas ao mercado de escravos, para além dos esquemas de intercâmbio dos outros tipos de mercadoria. A historiografia sugere atualmente que, apesar da existência de um mercado de famílias escravas (FRAGOSO & FLORENTINO, 1987), a inserção de cativos em laços familiares reduzia suas avaliações. (FLORENTINO & GÓES, 1996b) Se os com ofícios recebiam avaliações maiores, e dado que passavam por processos de treinamento conducentes a gastos substancialmente maiores por parte de seus senhores, segue-se que eventuais reduções de suas avaliações em virtude da família impactavam mais seus senhores do que no caso dos escravos com outros tipos de ocupação.

O caso das mulheres artesãs (Tabela 7) é diferente, mas ilustra alguns elementos tratados em função da situação dos homens com ofícios. As artesãs também tinham maior probabilidade de formar famílias em épocas recessivas. Compare-se sua condição quanto a isto com a das mulheres sem ofício dos mesmos plantéis, confrontando as participações de mulheres com famílias em ambos os casos. Entre 1789 e 1807, a porcentagem de mulheres com laços entre as artesãs era próxima da vigente para as mulheres sem ofício, sendo a primeira cerca de cinco sextos da segunda. Quanto aos anos entre 1808 e 1839, a porcentagem de cativas com laços se estabiliza em cerca de três quartos da vigente entre escravas sem ofício. Expansão econômica e retração do acesso de artesãs à família escrava, como no caso dos homens.

Em consonância com o que estabeleci anteriormente sobre um processo de aprendizado mais curto entre as artesãs, vê-se que elas tinham mais chances de formar famílias que os artesãos. É óbvio que tal se devia a que a fonte consignava mais facilmente laços familiares femininos que masculinos: elas apareciam ligadas a seus filhos em, por exemplo, uniões consensuais, diferentemente dos homens inseridos neste mesmo tipo de laço.

Há, contudo, um procedimento estratégico capaz de informar sobre diferenças entre mulheres e homens que fossem mais substantivas quanto a isso. Ele consiste em atentar para as proporções de familiares entre artesãos e artesãs com idades estendidas dos 5 aos 14 anos.[21] Entre 1789 e 1825 (incluindo, portanto, duas das

20 Ambos os elementos parecem ter estado intimamente ligados, a julgar pelo que se escreveu a respeito de casamentos escravos terem tendido a privilegiar cativos pertencentes ao mesmo senhor (Cf. SLENES, 1987. Sobre família e comunidade escravas, vejam-se as sugestões de MOTTA, 1988).

21 Observe-se que desse modo os números tornam-se ainda menores.

conjunturas definidas aqui), a proporção de artesãos com laços dentre todos os artífices em idades entre 5 e 14 anos oscilou entre três décimos e a metade disso (ou três vigésimos), grosso modo. Já a de mulheres na mesma faixa etária ficou estável em aproximadamente um quarto.[22] Segue-se que não cabe dizer que mulheres exibiam mais laços que homens simplesmente em virtude de singularidades da fonte. Mesmo que se eliminem os efeitos da maternidade (como é feito restringindo-se a observação às idades mais precoces), persiste a constatação de que artesãs tinham mais chances de ser reconhecidas como dotadas de laços familiares. Mantendo a explicação que vem sendo esgrimida aqui, tem-se que: a) mulheres, passando por aprendizado mais curto, tinham mais chances de ser reconhecidas como membros de famílias cativas; e b) em tendo sido mais doméstica sua atividade, e por isso menos vinculada ao mercado, suas possibilidades de incluir-se em esquemas familiares sofriam ataques mais fracos.

Ainda assim, subsiste o fato de que artesãs estavam submetidas, quanto ao que vem sendo tratado, a condições nitidamente piores que escravas sem ofícios. Isto indica que, novamente como no caso masculino, o artesanato enquanto tal impactava o problema. Maior rentabilidade, aprendizado e oscilações muito fortes da demanda por seus produtos exerciam influência eminentemente negativa sobre a família escrava.

Existe na historiografia um conjunto de concepções articulando analiticamente ocupação artesanal e família escrava. A concepção de Fogel e Engerman (1974a, p. 149-50) é muito representativa. Analisando "recompensas" que podiam estar presentes nas relações senhor/escravo nos Estados Unidos do século XIX, iniciam com as atuantes no muito curto prazo, como provisões extras de roupa, tabaco, bebidas, ou mesmo dinheiro. Referem-se a seguir às que se inseriam na vida das *plantations* sulistas em um prazo mais longo, como prêmios anuais, ou o acesso a lotes de subsistência.[23] Mas enfatizam sobretudo as recompensas de mais amplo fôlego. Aqui, o essencial era constituído, segundo os autores, pelo fato de que "*slaves had the opportunity to rise within the social and economic hierarchy that existed under bondage*", acima de tudo por meio da aquisição de ofícios artesanais, o que implicaria mais *status* social, "liberdade" e bens materiais. (FOGEL & ENGERMAN, 1974a: 149-150)

22 Observe-se que, entre 1826 e 1839, a proporção de mulheres com laços no mesmo grupo etário caiu para um nível muito inferior ao dos homens, exprimindo-se novamente aqui as alterações dos padrões de gestão do cativeiro provenientes da crise na oferta de africanos.

23 Ponto, aliás, polêmico, pois nem sempre os lotes de subsistência são tratados pelos historiadores como concessões provisórias - ainda que de médio prazo - e revogáveis. Podem ser tidos por especialistas como a verdadeira ambientação da comunidade escrava com profundidade genealógica, como na análise de Higman a respeito do Caribe. (HIGMAN, 1975 e CRATON, 1979)

A discussão presente no corpo do texto deixa claro, em relação ao Rio de Janeiro, que, caso artesanato e família possam ser entendidos como elementos perseguidos pelos escravos no interior da situação de cativeiro (e a discussão encaminhada indica que não se deve pensar o artesanato deste modo), ainda assim eles não são passíveis de inserção em uma única categoria, como a de recompensa. De fato, não fica de modo algum evidente, em vista dos dados manejados, que uma inserção no artesanato constituísse algo realmente almejado por cativos. Além disso, parecem ter sido mutuamente excludentes, já que tornar-se artesão significava reduzir as próprias chances de instituir laços familiares.

Além disso, Fogel e Engerman caminharam mais adiante na articulação de artesanato e família como recompensas, em relação aos Estados Unidos. Trataram o acesso a tais oportunidades confrontando destinos prováveis de escravos e de homens livres. Afirmam, quanto a estes últimos, que rapazes aprendiam ofícios em idades tenras, em função de estarem inseridos em esquemas familiares de transmissão de ofícios. Tal destino, entretanto, afigurar-se-ia muito remoto para escravos. A distribuição dos cativos com ofícios pelas idades no Sul escravista dos Estados Unidos teria apontado para uma concentração mais forte dos oficiais mecânicos nas faixas etárias mais elevadas. Assim, não se trataria de aquisição propiciada pela comunidade, ou pela família, mas antes de recompensa fornecida pelo senhor. A presente discussão não intenta, evidentemente, resolver questões relativas à escravidão nos Estados Unidos, mas busca verificar a aplicabilidade do modelo ao caso do Rio de Janeiro.

Como foi visto, a idade em que escravos começavam a ser treinados como artífices no Rio de Janeiro não fornece muitas informações a respeito de sua inserção em laços familiares, pois não discrepa da vigente entre o conjunto dos cativos sem ofícios dos mesmos plantéis. Artesãos pouco qualificados e artesãs iniciavam seu treinamento de modo realmente muito precoce. No entanto, se viam relativamente excluídos de laços familiares. Se a família escrava tinha algo a ver com seu aprendizado, os laços entre gerações eram bruscamente interrompidos por intermédio dessa mesma inserção no artesanato.

Por vezes se sugere coisa diferente, em um sentido mais próximo ao constatado aqui a respeito das relações entre artesanato e família escrava. Há alguma tendência a identificar nos ofícios urbanos de escravos na América do Norte do século XVIII uma aproximação entre escravos e livres. (BERLIN, 1980) Sugiro haver dois tipos de afirmação incluídos nessa assertiva. Uma delas prende-se a um desligamento dos escravos especializados em relação à comunidade cativa. A outra consiste na identificação de que tal os levaria a alguma espécie de promiscuidade com os homens livres de mesma ocupação. Quanto a esta segunda afirmação, são de se lembrar estudos a respeito do Caribe, identificando revoltas escravas lideradas por

cativos qualificados (BECKLES, 1985), de modo que a ligação entre desgarramento ante a comunidade e proximidade quanto aos livres não pode ser pensada como necessária. Deve-se, então, reter sobretudo a primeira parte do argumento. Desligados da comunidade cativa, cativos com ofícios artesanais não podem, diante do que se viu, ser pensados como tendo estado em relações de proximidade com os homens livres circundantes. A pertinência ao artesanato parece tê-los tornado, de fato, espécies de reféns das oscilações do mercado para seus produtos e dos mestres que os treinavam, o que se infere da duração do treinamento. Estudos sobre fugas podem ajudar a compreender o que derivava destas condições.

Em artigo a respeito de escravos fugidos na Carolina do Sul do século XVIII, Philip Morgan estabeleceu que quanto maior a qualificação do escravo fugido menor era o recurso ao chamado *petit marronage* e maior sua tendência a fazer-se passar por livre. (MORGAN, 1982) A maioria absoluta dos escravos fugia a fim de simplesmente reencontrar outras pessoas de quem haviam sido separados pelo cativeiro, em um esquema normalmente designado como de *petit marronage*. Cerca de 18% dos fugitivos, entretanto, buscavam uma escapatória definitiva, o que impunha que se fizessem de livres. O cativos deste grupo possuíam certas características específicas, quais sejam, tinham ofício, haviam nascido na América, falavam o Inglês com alguma fluência e eram homens. (MORGAN, 1982, p. 584)

A hipótese a reter é a de que cativos com alto grau de assimilação de habilidades adquiridas na América perseguiam esquemas de sobrevivência menos dependentes da comunidade escrava que os escravos destituídos em maior ou menor grau daquelas habilidades. Assim, não se trata de afirmar que os especializados profissionalmente dependiam menos da comunidade por terem recebido "melhor tratamento",[24] ou por terem sido mais chegados a seus senhores. Trata-se, antes, de aventar a hipótese de habilidades adquiridas na América terem permitido a formulação de estratégias - direcionadas para a alforria, para a aquisição de condições menos rudes de sobrevivência, ou para a ascensão no interior da hierarquia interna ao cativeiro - menos dependentes da comunidade, e portanto da família escrava. Assim se explicaria o fato de aparecerem nas fontes deste trabalho como destituídos de laços familiares. Estes teriam sido próprios de estratégias outras que não as suas, sobretudo dos intentos de obter avanços dentro do cativeiro mediante a inserção na comunidade cativa.

Uma última sugestão conclui este artigo, devendo, assim se pretende, levar a investigações ulteriores. A valorização de escravos mediante a imposição (já podemos ver que é disto que se trata) aos mesmos de habilidades e de um

24 A crítica antológica à questão do tratamento acha-se em GENOVESE (1969).

treinamento próprios da sociedade senhorial circundante não constitui um ganho, exceto para o senhor. Por que razão deveria o escravo assumir como ascensão social o fato de tornar-se mais produtivo? O dado parece óbvio, mas não foi encarado assim por grande parte da historiografia, sempre pronta a ver em cativos especializados espécies de privilegiados, contemplados com provisões extras de roupas, comida, ou do que quer que fosse. A questão está em observar que processos de mobilidade efetivos deviam ter lugar sobretudo a partir da inserção no ator coletivo representado pela comunidade. É de se duvidar mesmo que a qualificação profissional fosse condição para a alforria. Como é sabido (e foi pressuposto ao longo de todo este trabalho), as condições da oferta africana pressionavam para baixo os preços do conjunto dos cativos.[25] Concretamente, isto significa que o preço de mercado do escravo, embora fosse influenciado por sua rentabilidade, guardava uma relação nebulosa com o montante passível de ser amealhado pelo senhor por meio do trabalho daquele. Certamente, mostrava-se muito menor. Assim, a manumissão, embora paga, não perdia sua natureza de conquista sobretudo política, dependendo, portanto, acima de tudo de uma possibilidade de movimentação eficaz, que, em termos gerais, deve ser entendida como proveniente da comunidade cativa no Novo Mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diferenciação entre homens pouco e muito qualificados se justificou pelas análises. Os perfis dos preços por idade eram diferentes, assim como era significativamente maior a rentabilidade esperada do trabalho dos mais qualificados.

Mais que atividade assentada na lógica das unidades domésticas (como a produção têxtil de Minas Gerais descrita por Libby), era ocupação fortemente ligada ao mercado, inclusive acompanhando flutuações derivadas de movimentos brutais verificados nos preços dos produtos artesanais.

Embora ao longo do texto se tenha enfatizado fortes diferenças de preços entre artesãos especializados e dotados de ofícios corriqueiros, levantei também dados que indicam que estes diferenciais de preço não derivavam estritamente do grau de especialização. Portanto, não podem ser compreendidos a partir do esquema de análise segundo o qual os artesãos escravos eram espécies de privilegiados porque dotados de habilidades raras. O primeiro raciocínio invocado para rejeitar a hipótese

25 Um confronto entre os preços aqui estudados e os fornecidos por LOVEJOY & RICHARDSON (1995) para a África Central Atlântica demonstra-o à saciedade.

da extrema qualificação foi o ligado à pequena duração do aprendizado e ao fato de que, freqüentemente, artífices muito jovens sequer eram descritos nos inventários como aprendizes. O fato de sujeitos dotados de ofícios e pertencentes à faixa etária de entre 10 e 20 anos não serem descritos como aprendizes ou bem indica que não eram considerados socialmente como tais, ou então sugere que o fato de serem aprendizes não incidia com força em suas avaliações (objetivo, como é sabido, de sua descrição em inventários *post mortem*). Ambas as hipóteses nos deixam diante da constatação de que o aprendizado era instituição pouco importante no interior do artesanato escravo.

O segundo argumento contra a idéia de superespecialização chamou a atenção para as fortes variações nas relações entre os preços de especializados e corriqueiros. O fato de que não-especializados pudessem alcançar preços mais altos que artífices mais qualificados sugere que estes preços não oscilavam em função das características técnicas de suas ocupações. Antes, é de se sustentar a hipótese de que as variações de preço se prendiam às oscilações ocorridas nos preços dos produtos de sua atividade.

Mostrou-se também que o artesanato escravo, embora consistisse em habilidades adquiridas na própria América, não tendia a concentrar-se entre os crioulos. Antes, a taxa de africanidade de escravos artesãos podia ser até maior que a verificada entre cativos de outras ocupações. Por fim, observou-se uma tendência a que a participação dos escravos artesãos entre os escravos com mais de 60 anos fosse menor que a verificada entre os mais jovens, sugerindo que força física e juventude eram mais importantes para exercer ofícios que períodos muito prolongados de treinamento.

Tudo resulta consistente com a hipótese de que preços de escravos não refletiam os custos de seu treinamento, mas antes a expectativa de rentabilidade de seu trabalho futuro. Custos só incidiam em preços no sentido de que a aquisição de africanos a baixos custos mantinha estruturalmente baixos os preços de escravos na América Portuguesa. Estas conclusões se adequam também a análises que postulam uma racionalidade intrínseca ao caráter extensivo das atividades econômicas. Tal racionalidade derivava de que a dilapidação de recursos, e não a aplicação intensiva de trabalho, aumentava a produtividade. (FRAGOSO, 1986)

Maior rentabilidade, aprendizado e oscilações muito fortes da demanda por seus produtos exerciam influência eminentemente negativa sobre a família escrava. Foi vista uma espécie de progressão na possibilidade de estabelecer laços familiares quando se passava dos homens com ofícios muito qualificados para os com profissões artesanais mais corriqueiras; destes, para os homens sem ofício; destes, por sua vez, para as mulheres com ofícios, culminando com um máximo (discreto,

é verdade, por tratar-se de escravidão) de possibilidade aberta às mulheres com ocupações outras que não o artesanato. De um lado, reafirma-se que o sexo era variável decisiva quanto ao estabelecimento de laços familiares (tanto na prática, quanto no tocante à capacidade da fonte para informar a respeito). De outro lado, o impacto do artesanato era forte tanto entre mulheres quanto entre homens, constituindo obstáculo à família escrava. A mera especialização artesanal afastava cativos das práticas comunitárias, o que se comprova verificando, como foi feito, que quanto maior a qualificação artesanal masculina menores as chances destes mesmos homens se inserirem em laços familiares. É de se ressaltar também a circunstância de que, no caso das mulheres, a participação das com família entre as artesãs era mais próxima da presença relativa de mulheres com laços entre as sem ofício. Os artesãos homens tinham muito menos chances que as artesãs de se ligarem a práticas familiares. Ficou sugerido que isso se devia à maior ligação ao mercado do artesanato masculino, em confronto com o feminino.

Assim, mercado, aprendizado e flutuações muito fortes na rentabilidade não aproximavam cativos de posições elavadas ou almejadas por eles. Ao contrário, afastavam-nos de práticas comunitárias que permitissem um novo enraizar-se nas Américas e por isso o encaminhamento de estratégias eficazes. Restava-lhes a elaboração de estratégias diversas, adaptadas a sua condição específica. Da mesma forma que a categoria "tratamento" homogeneiza tipos muito diferentes de relação senhor-escravo (GENOVESE, 1969), é preciso reconhecer que as estratégias escravas eram elaboradas e efetivadas em função de inserções muito diferentes dos cativos na sociedade escravista.

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, José J. de A. A produção econômica. *In:* SILVA, Maria B. Nizza da (org.), *O império luso-brasileiro*. Lisboa: Estampa, 1986.

BECKLES, Hilary. The slave-drivers' war: Bussa and the 1816 Barbados slave rebellion. *In*: *Boletin de Estudios Latinoamericanos y del Caribe,* n. 39, 1985.

BERGARD, Laird W. Slave prices in Cuba, 1840-1875. *In: Hispanic America Historical Review,* v. 67, n. 4, 1987.

_____. Depois do boom: aspectos demográficos da escravidão em Mariana, 1750-1808. *In: Estudos Econômicos,* v. 24, n. 3, p. 495-525, set./dez. 1994.

BERLIN, Ira. Time, space and the evolution of afro-american society in British Mainland North America. *In: The American Historical Review,* v. 85, n. 1, 1980.

CRATON, Michael. Changing patterns of slave families in the Britsh West Indies. *In: Journal of Interdisciplinary History,* v. X, n. 1, 1979.

DE LA FUENTE GARCIA, Alejandro. El mercado escravista habanero, 1580-1699: las armazones de escravos. *In: Revista de Indias,* v. L, n. 189, 1990.

EISENBERG, Peter. *Homens esquecidos*. Campinas: UNICAMP, 1988.

FERREIRA, Roquinaldo Amaral. O significado e os métodos do tráfico ilegal de africanos na costa ocidental da África, 1830-1860. *In: Cadernos do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa em História Social,* n. 2, 1995.

FLORENTINO, Manolo G. *Em costas negras*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

FLORENTINO, Manolo G. & GÓES, José Roberto. *A paz das senzalas.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

_____. Parentesco, estabilidade familiar e ocupação entre os escravos: O caso do meio rural fluminense entre 1790 e 1830. *In: Revista Brasileira de Estudos de População,* v. 13, n. 2, 1996a.

_____. Tráfico, parentesco e esterilização de fortunas entre os escravos do agro fluminense, séculos XVIII e XIX. *In: X Encontro Nacional de Estudos Populacionais - Anais***.** Belo Horizonte, ABEP, v. 3, 1996b.

FLORY, Thomas. *El juez de paz y el jurado en el Brasil imperial*. México DF: Fundo de Cultura Económica, 1986.

FOGEL, Robert & ENGERMAN, Stanley. *Time on the cross. The economics of American negro slavery.* Boston/Toronto: Little, Brown and Company, 1974a.

_____. *Time on the cross. Evidence and methods.* Boston/Toronto: Little, Brown & C., 1974b.

FRAGOSO, João. *Homens de grossa aventura*. Rio de Janeiro: Arq. Nacional, 1992.

_____. A roça e as propostas de modernização da agricultura fluminense no século XIX. *In: Revista Brasileira de História,* v. 6, n. 12, 1986.

FRAGOSO, João e FLORENTINO, Manolo. Marcelino, filho de Inocência Crioula, neto de Joana Cabinda: um estudo sobre famílias escravas em Paraíba do Sul (1835-1872). *In: Estudos Econômicos,* v. 17, n. 2, p. 151-173, maio-agosto 1987.

GELMAN, Jorge. Mundo rural y mercados: una estancia y las formas de circulacion mercantil en la campaña rioplatense tardocolonial. *In: Revista de Indias,* v. LII, n. 195-6, 1992.

GENOVESE, Eugene. The treatment of slaves in different countries: problems in the applications of the comparative method. *In*: FONER, Laura & GENOVESE, Eugene (orgs.), *Slavery in the new world. A reader in comparative history. E*nglewod Cliffs: Prentice-Hall, 1969.

GORENDER, Jacob. *O escravismo colonial.* 3ª ed. São Paulo: Ática, 1980.

HIGMAN, B. W. The slave family and household in the British West Indies, 1800-1834. *In: Journal of Interdisciplinary History,* v. VI, n. 2, 1975.

JOHNSON JR., Harold. A preliminary inquiry into money, prices and wages in Rio de Janeiro - 1763-1823. *In:* ALDEN, Dauril (ed.), *Colonial roots of modern Brazil*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1973.

LIBBY, Douglas C. *Transformação e trabalho em uma economia escravista. Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. Proto-industrialization in a slave society: the case of Minas Gerais. *In: Journal of Latin American Studies*, v. 23, n. 1, 1991.

_____. Notas sobre a produção têxtil brasileira no final do século XVIII: novas evidências de Minas Gerais. *In: Estudos Econômicos*, v. 27, n. 1, p. 97-125, jan./abr. 1997.

LIMA, Carlos A. M. *Trabalho, negócios e escravidão. Artífices na cidade do Rio de Janeiro (c.1790-c.1808)*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ (Diss. de Mestrado), 1993.

_____. *Pequenos patriarcas. Pequena produção e comércio miúdo, domicílio e aliança na cidade do Rio de Janeiro, 1786-1844*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ (Tese de Doutoramento), 1997.

_____. Sobre a lógica e a dinâmica das ocupações escravas na cidade do Rio de Janeiro (1789-1835). *In*: SOUSA, Jorge P. de (org.), *Escravidão: ofícios e liberdade*. Rio de Janeiro: APERJ, 1998.

LINHARES, Maria Yedda L. & LÉVI, Maria Bárbara. Aspectos da história demográfica e social do Rio de Janeiro (1808-1889). *In*: Vários Autores, *L'histoire quantitative du Brésil de 1800 à 1930*. Paris: Éditions du CNRS, 1973.

LOBO, Eulália M. L. Evolução dos preços e do padrão de vida na cidade do Rio de Janeiro, 1820-1930. *In: Revista Brasileira de Economia,* v. 25, n. 4, 1971.

LOVEJOY, Paul E. & RICHARDSON, David. British abolition and its impact on slave prices along the Atlantic Coast of Africa, 1783-1850. *In: The Journal of Economic History,* v. 55, n. 1, 1995.

MACHADO, Maria Helena P. T. Em torno da autonomia escrava: uma nova direção para a história social da escravidão. *In: Revista Brasileira de História,* v. 8, n. 16, 1988.

MARCONDES, Renato L. *A arte de acumular na economia cafeeira. Vale do Paraíba, século XIX*. Lorena: Stiliano, 1998.

MATTOSO, Kátia de Queirós. *Serescravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MATTOSO, K., KLEIN, H. e ENGERMAN, S. Notas sobre a tendência e padrões dos preços de alforria na Bahia, 1819-1888. *In*: REIS, João José (org.), *Escravidão & invenção da liberdade*. São Paulo/Brasília: Brasiliense/CNPq, 1988.

MELLO, Zélia M. C. de. Os escravos nos inventários paulistanos da segunda metade do século XIX. *In*: Vários Autores. *História econômica: ensaios*. São Paulo: IPE-USP, 1980.

MORENO FRAGINALS, Manuel; KLEIN, Herbert & ENGERMAN, Stanley. The level and structure of slave prices in the mid-nineteenth century Cuba: Some comparative perspectives. *In: The American Historical Review,* v. 88, n. 5, 1983.

MORGAN, Philip D. 1982. En Caroline du Sud: marronnage et culture servile. *In: Annales ESC*. 37º ano, n. 3, p. 574-590 maio-junho, 1982.

MOTTA, José Flávio. Família escrava: uma incursão pela historiografia. *In: História: Questões e Debates*, ano 9, n. 6, 1988.

SCHWARTZ, Stuart. *Segredos internos*. São Paulo/Brasília: Cia. das Letras/ CNPq, 1988.

SIMONSEN, Roberto. *História econômica do Brasil*. 3ª ed., São Paulo: Cia. Ed. Nacional, s/d.

SLENES, Robert. Escravidão e família: padrões de casamento e estabilidade familiar numa comunidade escrava (Campinas, século XIX0. *In: Estudos Econômicos*, v. 17, n. 2, p. 217-227, maio-agosto 1987.

TANDETER, Enrique. Crisis in upper Peru, 1800-1805. *In: Hispanic American Historical Review*. v. 71, n. 1, 1991.

QUADRO 1 - CLASSIFICAÇÃO DOS OFÍCIOS ARTESANAIS ESCRAVOS SEGUNDO SEU GRAU DE QUALIFICAÇÃO (RIO DE JANEIRO, 1789-1839)

ofícios considerados mais qualificados		
Caldereiro	Funileiro	Serralheiro
Canteiro	Lapidario	Tanoeiro
Carpinteiro da ribeira	Latoeiro	Torneiro
Cunhador	Marceneiro	Trata cavalos (alveitar)
Entalhador	Ourives	
Ferreiro	Polieiro	

ofícios considerados pouco qualificados		
Alfaiate	Doceiro	Paneleiro
Amassador	Emboaba	Pedreiro
Aparelhador	Enfardador de sal	Pentieiro
Barbeiro	Faz cabos	Pintor
Cabeleireiro	Faz panelas	Refina açúcar
Caiador	Paz panilhos	Rendeiro
Calafate	Faz louça	Salteiro
Candeeiro	Faz papel	Sapateiro
Carpinteiro	Faz velas	Serigueiro
Cavouqueiro	Fazedor de marcas	Serrador
Cacheteiro	Ferrador	Servente de obras
Chapeleiro	Forneiro	Servente de ferreiro
Charuteiro	Lavador	Servente de pedreiro
Correeiro	Limpador de marceneiro	Soca sal
Corta vidros	Lixador	Surrador
Cortador	Malhador de ferreiro	Tamanqueiro
Cortumador	Oleiro	
Cuteleiro	Padeiro	

TABELA 1 - ESCRAVOS DO SEXO MASCULINO COM OFÍCIOS ARTESANAIS. DISTRIBUIÇÃO POR FAIXAS ETÁRIAS QUINQÜENAIS (1789-1839)

faixas etárias	escravos sem ofício na amostra		escravos com ofícios não-qualificados			escravos com ofícios qualificados		
	n.	%	n.	%	designados como aprendizes	n.	%	Designados como aprendizes
1789-1807								
5-9	16	8,1	-	-	-	-	-	-
10-14	15	7,6	10	13,3	9	-	-	-
15-19	13	6,6	8	10,7	3	1	2,8	1
20-24	18	9,1	10	13,3	3	8	22,2	1
25-29	25	12,7	12	16,0	2	7	19,4	-
30-34	14	7,1	10	13,3	-	6	16,7	-
35-39	17	8,6	14	18,7	-	4	11,1	1
40-44	27	13,7	4	5,3	-	4	11,1	-
45-49	18	9,1	2	2,7	-	3	8,3	-
50-54	12	6,1	3	4,0	-	2	5,6	1
55-59	6	3,0	-	-	-	-	-	-
60-64	8	4,1	2	2,7	-	-	-	-
65-69	2	1,0	-	-	-	-	-	-
70-74	2	1,0	-	-	-	1	2,8	-
75-79	4	2,0	-	-	-	-	-	-
>= 80	-	-	-	-	-	-	-	-
total	197	99,8	75	100,0	-	36	100,0	-
1808-1825								
5-9	26	6,5	2	0,8	-	-	-	-
10-14	39	9,8	18	7,2	12	3	4,2	2
15-19	43	10,8	39	15,5	18	6	8,3	2
20-24	67	16,9	72	28,7	4	18	25,0	4
25-29	38	9,6	32	12,7	3	8	11,1	-
30-34	35	8,8	30	11,9	1	9	12,5	1
35-39	22	5,5	18	7,2	-	7	9,7	-
40-44	45	11,3	21	8,4	1	6	8,3	-
45-49	20	5,0	11	4,4	-	1	1,4	-
50-54	20	5,0	2	0,8	-	5	6,9	-
55-59	15	3,8	2	0,8	-	3	4,2	-
60-64	15	3,8	3	1,2	-	4	5,6	-
65-69	3	0,8	1	0,4	-	1	1,4	-
70-74	7	1,8	-	-	-	1	1,4	-
75-79	-	-	-	-	-	-	-	-
>= 80	2	0,5	-	-	-	-	-	-
total	397	99,9	251	100,0	-	72	100,0	-
1826-1839								
5-9	37	8,5	1	0,3	-	-	-	-
10-14	36	8,3	21	7,9	11	5	6,7	3
15-19	68	15,6	50	18,7	24	11	14,7	3
20-24	47	10,8	40	15,0	5	13	17,3	1
25-29	40	9,2	28	10,5	1	6	8,0	-
30-34	46	10,5	48	18,0	2	12	16,0	-
35-39	31	7,1	24	9,0	2	5	6,7	-
40-44	50	11,5	20	7,5	-	5	6,7	-
45-49	8	1,8	5	1,9	-	2	2,7	-
50-54	20	4,6	17	6,4	-	6	8,0	-
55-59	9	2,1	2	0,7	-	2	2,7	-
60-64	28	6,4	4	1,5	-	3	4,0	-
65-69	4	0,9	1	0,3	-	1	1,3	-
70-74	6	1,4	5	1,9	-	3	4,0	-
75-79	-	-	-	-	-	-	-	-
>= 80	6	1,4	1	0,3	-	1	1,3	-
total	436	100,1	267	99,9	-	75	100,1	-

Fontes: Arquivo Nacional .*Inventários post mortem, 1789-1839*.

TABELA 2 - ESCRAVOS DO SEXO FEMININO COM OFÍCIOS ARTESANAIS. DISTRIBUIÇÃO POR FAIXAS ETÁRIAS QUINQÜENAIS (1789-1839)

faixas etárias	escravas sem ofício na amostra		escravas com ofícios artesanais		
	n.	%	n.	%	Designadas como aprendizes
1789-1807					
5-9	14	12,4	1	1,9	1
10-14	8	7,1	12	22,6	7
15-19	7	6,2	5	9,4	2
20-24	15	13,3	11	20,7	1
25-29	18	15,9	8	15,1	-
30-34	12	10,6	3	5,7	-
35-39	11	9,7	4	7,5	-
40-44	13	11,5	3	5,7	-
45-49	3	2,6	4	7,5	-
50-54	-	-	-	-	-
55-59	2	1,8	-	-	-
60-64	4	3,5	2	3,8	-
65-69	2	1,8	-	-	-
70-74	2	1,8	-	-	-
75-79	1	0,9	-	-	-
>= 80	1	0,9	-	-	-
total	113	100,0	53	99,9	-
1808-1825					
5-9	24	8,6	5	4,9	4
10-14	22	7,9	10	9,8	8
15-19	23	8,3	21	20,6	4
20-24	62	22,3	24	23,5	4
25-29	43	15,5	19	18,6	1
30-34	37	13,3	10	9,8	-
35-39	14	5,0	6	5,9	-
40-44	17	6,1	2	2,0	-
45-49	6	2,2	3	2,9	-
50-54	12	4,3	1	1,0	-
55-59	6	2,1	-	-	-
60-64	8	2,9	1	1,0	-
65-69	2	0,7	-	-	-
70-74	1	0,4	-	-	-
75-79	1	0,4	-	-	-
>= 80	-	-	-	-	-
total	278	100,0	102	100,0	-
1826-1839					
5-9	19	6,5	8	8,2	5
10-14	20	6,8	11	11,3	8
15-19	45	15,3	29	29,9	5
20-24	51	17,3	18	18,6	2
25-29	32	10,9	8	8,2	-
30-34	41	13,9	8	8,2	-
35-39	13	4,4	4	4,1	-
40-44	31	10,5	7	7,2	-
45-49	9	3,1	3	3,1	-
50-54	9	3,1	1	1,0	-
55-59	2	0,7	-	-	-
60-64	12	4,1	-	-	-
65-69	4	1,4	-	-	-
70-74	6	2,0	-	-	-
75-79	-	-	-	-	-
>= 80	-	-	-	-	-
total	294	100,0	97	99,8	-

Fontes: Arquivo Nacional. *Inventários post mortem, 1789-1839.*

TABELA 3 - TAXAS DE AFRICANIDADE DE HOMENS E MULHERES DA AMOSTRA, SEGUNDO SEU GRAU DE QUALIFICAÇÃO ARTESANAL (1789-1839)*

	homens sem ofícios na amostra			com ofícios pouco qualificados			Com ofícios qualificados		
faixas etárias ampliadas	1789-1807	1808-1825	1826-1839	1789-1807	1808-1825	1826-1839	1789-1807	1808-1825	1826-1839
5-14	22,6	50,8	35,6	50,0	70,0	54,5	-	66,7	40,0
15-39	79,3	83,4	93,1	61,1	89,5	83,6	73,1	89,6	89,4
40 ou +	89,9	85,8	93,1	72,7	85,0	87,3	70,0	90,5	87,0
todas as idades	74,6	61,3	72,2	78,8	87,2	88,9	83,5	81,9	85,3

	mulheres sem ofício na amostra			mulheres com ofício		
faixas etárias ampliadas	1789-1807	1808-1825	1826-1839	1789-1807	1808-1825	1826-1839
5-14	0,0	37,0	33,3	23,1	40,0	31,6
15-39	82,5	81,5	79,7	35,5	67,5	67,2
40 ou +	86,7	84,9	87,7	33,3	57,1	54,5
todas as idades	67,8	74,7	75,5	32,1	62,7	58,8

* Porcentagem dos africanos sobre o total de escravos.

Fontes: Arquivo Nacional. *Inventários post mortem, 1789-1839.*

TABELA 4 - ESCRAVOS DO SEXO MASCULINO. PREÇOS MÉDIOS ANUAIS DE ARTESÃOS POUCO QUALIFICADOS, DE HOMENS SEM OFÍCIO ARTESANAL E DE TODOS OS HOMENS NA FAIXA ETÁRIA DE ENTRE 15 E 29 ANOS (1789-1839)

Anos	A - artesãos não-qualificados	B – Homens sem ocupação artesanal	C - todos os homens da faixa etária	Diferença porcentual entre A e C	Diferença porcentual entre A e B
1790	28,8	28,8	28,8	0,0	0,0
1795	28,8	24,8	28,2	2,1	16,1
1797	30,6	20,5	29,0	5,5	49,2
1800	51,2	34,2	37,2	37,6	49,7
1802	63,3	-	37,8	67,5	-
1803	61,3	30,6	-	-	100,3
1805	29,3	25,8	29,7	-1,3	13,6
1806	28,8	30,9	31,6	8,9	-7,0
1807	47,8	27,8	34,5	38,5	71,9
Média 1790-1807	41,1	27,9	32,1	28,0	47,3
Desvio padrão*	13,9	4,0	3,6		
1810	43,0	27,7	35,6	20,8	55,2
1811	34,7	36,0	41,2	-15,8	-3,6
1812	32,3	28,9	28,4	13,7	11,8
1814	35,6	34,5	-	-	3,2
1815	37,5	29,0	25,3	48,2	29,3
1816	30,3	26,9	28,8	5,2	12,6
1817	42,2	34,9	36,8	14,7	20,9
1818	47,8	30,4	-	-	57,2
1820	34,5	35,5	34,7	-0,6	-2,8
1821	31,3	26,2	29,1	7,6	19,5
1822	30,6	26,7	29,5	3,7	14,6
1825	37,3	33,0	35,3	5,7	13,0
Média 1810-1825	36,4	30,8	32,5	12,0	18,2
Desvio padrão*	5,2	3,6	4,7		
1826	38,7	29,7	32,1	20,6	30,3
1827	32,5	21,4	23,8	36,5	51,9
1829	45,3	22,2	-	-	104,0
1830	36,1	29,5	34,6	4,3	22,4
1831	34,0	33,7	29,0	17,2	0,9
1832	39,8	29,0	33,0	20,6	37,2
1834	46,2	61,3	-	-	-24,6
1835	60,3	47,8	55,5	8,6	26,1
1838	23,8	29,8	-	-	-20.1
1839	39,5	35,4	-	-	11,6
Média 1826-1839	39,6	34,0	34,7	14,1	16,5
Desvio padrão*	9,2	11,5	9,9		

* O desvio padrão refere-se aqui aos desvios das médias anuais em relação à média verificada na conjuntura.

Fontes: Arquivo Nacional. *Inventários post mortem, 1789-1839.*

TABELA 5 - ESCRAVAS. PREÇOS MÉDIOS ANUAIS DE MULHERES COM OFÍCIOS ARTESANAIS, DE MULHERES SEM OFÍCIOS E DE TODAS AS MULHERES NA FAIXA ETÁRIA DE ENTRE 15 E 29 ANOS (1795-1835)

Anos	A - mulheres com ofícios	B – mulheres sem ofícios artesanais	C - todas as mulheres na faixa etária	Diferença porcentual entre A e C	Diferença porcentual entre A e B
1795	33,2	25,6	26,2	26,7	29,7
1796	43,2	-	34,3	25,9	-
1797	29,5	26,6	29,0	1,7	10,9
1801	30,9	18,0	24,5	26,1	71,7
1803	37,7	27,6	-	-	36,6
1805	30,4	24,8	26,6	14,3	22,6
1806	36,3	26,5	29,1	24,7	37,0
1807	46,2	29,5	32,2	43,5	56,6
Média 1795-1807	35,9	25,5	28,8	24,6	40,8
Desvio padrão*	5,8	3,4	3,2		
1808	33,9	30,8	-	-	10,1
1810	29,8	19,7	26,6	12,0	51,3
1811	45,1	32,5	41,5	8,7	38,8
1812	24,4	32,9	27,8	-12,2	-25,8
1814	34,5	32,5	-	-	6,1
1816	48,6	26,4	28,2	72,3	84,1
1817	38,4	30,1	32,4	18,5	27,6
1818	37,0	34,6	-	-	6,9
1820	36,9	28,5	31,0	19,0	29,5
1821	33,2	28,7	29,8	11,4	15,7
1822	30,1	27,0	27,2	10,7	11,5
1823	40,6	27,3	-	-	48,7
1825	31,5	29,9	30,6	2,9	5,3
Média 1808-1825	35,7	29,3	30,6	16,7	21,8
Desvio padrão*	6,3	3,7	4,3		
1826	34,9	33,1	31,0	12,6	5,4
1827	29,8	25,5	26,7	11,6	16,9
1829	50,2	23,6	-	-	112,7
1830	40,8	37,5	36,3	12,4	8,8
1831	28,8	34,1	27,3	5,5	-15,5
1832	40,9	33,9	35,8	14,2	20,6
1834	56,4	55,9	-	-	0,9
1835	59,0	44,1	50,0	18,0	33,8
Média 1826-1835	42,6	36,0	34,5	23,5	18,3
Desvio padrão*	10,8	9,6	7,8		

* O desvio padrão refere-se aqui aos desvios das médias anuais em relação à média verificada na conjuntura.

Fontes: Arquivo Nacional. *Inventários post mortem, 1789-1839.*

TABELA 6 - ESCRAVOS DO SEXO MASCULINO COM LAÇOS FAMILIARES EXPRESSOS NA FONTE, POR CONJUNTURA, GRUPO ETÁRIO E POSSE OU NÃO DE OFÍCIOS ARTESANAIS (1789-1839)

faixas etárias	com ofícios qualificados		com ofícios pouco qualificados		sem ofícios	
	com laços familiares	todos	com laços familiares	todos	com laços familiares	todos
1789-1807						
5-9	-	-	-	-	9	16
10-14	-	-	3	10	4	15
15-19	-	1	1	8	-	13
20-24	-	8	1	10	-	18
25-29	-	7	-	12	1	25
30-34	1	6	-	10	1	14
35-39	-	4	1	14	1	17
40-44	-	4	-	4	4	27
45-49	-	3	-	2	1	18
50-54	-	2	-	3	1	12
55-59	-	-	-	-	-	6
60-64	-	-	-	2	-	8
65-69	-	-	-	-	-	2
70-74	-	1	-	-	-	2
75-79	-	-	-	-	1	4
80 ou +	-	-	-	-	-	-
total	1	36	6	75	23	197
% dos com laços sobre o total da categoria	2,8		8,0		11,7	
1808-1825						
5-9	-	-	-	2	14	26
10-14	1	3	3	18	4	39
15-19	-	6	-	39	2	43
20-24	-	18	-	72	1	67
25-29	-	8	1	32	1	38
30-34	-	9	-	30	-	35
35-39	-	7	-	18	-	22
40-44	-	6	-	21	-	45
45-49	-	1	-	11	1	20
50-54	-	5	-	2	1	20
55-59	-	3	-	2	1	15
60-64	-	4	-	3	-	15
65-69	-	1	-	1	-	3
70-74	-	1	-	-	-	7
75-79	-	-	-	-	-	-
80 ou +	-	-	-	-	-	2
total	1	72	4	251	25	397
% dos com laços sobre o total da categoria	1,4		1,6		6,3	
1826-1839						
5-9	-	-	1	1	16	37
10-14	-	5	3	21	1	36
15-19	-	11	1	50	1	68
20-24	-	13	-	40	-	47
25-29	-	6	1	28	-	40
30-34	-	12	2	48	1	46
35-39	-	5	-	24	-	31
40-44	-	5	-	20	-	50
45-49	-	2	-	5	-	8
50-54	-	6	-	17	1	20
55-59	-	2	-	2	1	9
60-64	-	3	-	4	1	28
65-69	-	1	-	1	-	4
70-74	-	3	-	5	-	6
75-79	-	-	-	-	-	-
80 ou +	-	1	-	1	-	6
total	-	75	8	267	22	436
% dos com laços sobre o total da categoria	0,0		3,0		5,0	

Fontes: Arquivo Nacional. *Inventários post mortem, 1789-1839.*

TABELA 7 - ESCRAVAS COM LAÇOS FAMILIARES EXPRESSOS NA FONTE, POR CONJUNTURA, GRUPO ETÁRIO E POSSE OU NÃO DE OFÍCIOS ARTESANAIS (1789-1839)

	escravas com ofícios		Escravas sem ofícios	
faixas etárias	com laços familiares	todas	com laços familiares	todas
		1789-1807		
5-9	1	1	5	14
10-14	2	12	1	8
15-19	1	5	-	7
20-24	4	11	3	15
25-29	-	8	2	18
30-34	-	3	5	12
35-39	1	4	3	11
40-44	-	3	4	13
45-49	1	4	1	3
50-54	-	-	-	2
55-59	-	-	1	2
60-64	1	2	1	4
65-69	-	-	-	2
70-74	-	-	1	2
75-79	-	-	-	1
80 ou +	-	-	-	1
total	11	53	27	115
% das com laços sobre o total da categoria	20,7		23,5	
		1808-1825		
5-9	2	5	16	24
10-14	2	10	3	22
15-19	-	21	3	23
20-24	6	24	12	62
25-29	5	19	18	43
30-34	2	10	14	37
35-39	-	6	5	14
40-44	-	2	2	17
45-49	2	3	3	6
50-54	-	1	-	12
55-59	-	-	-	6
60-64	-	1	-	8
65-69	-	-	-	2
70-74	-	-	-	1
75-79	-	-	-	1
80 ou +	-	-	-	-
total	19	102	76	278
% das com laços sobre o total da categoria	18,6		27,3	
		1826-1839		
5-9	1	8	7	19
10-14	-	11	4	20
15-19	3	29	7	45
20-24	4	18	12	51
25-29	3	8	11	32
30-34	3	8	21	41
35-39	3	4	4	13
40-44	1	7	8	31
45-49	-	3	2	9
50-54	-	1	2	9
55-59	-	-	1	2
60-64	-	-	1	12
65-69	-	-	-	4
70-74	-	-	-	6
75-79	-	-	-	-
80 ou +	-	-	-	-
total	18	97	80	294
% das com laços sobre o total da categoria	**18,6**		**27,2**	

Fontes: Arquivo Nacional. *Inventários post mortem, 1789-1839.*

Gráfico 1: PERFIL POR IDADE DOS PREÇOS DE HOMENS COM OFÍCIOS POUCO QUALIFICADOs (1789-1839)

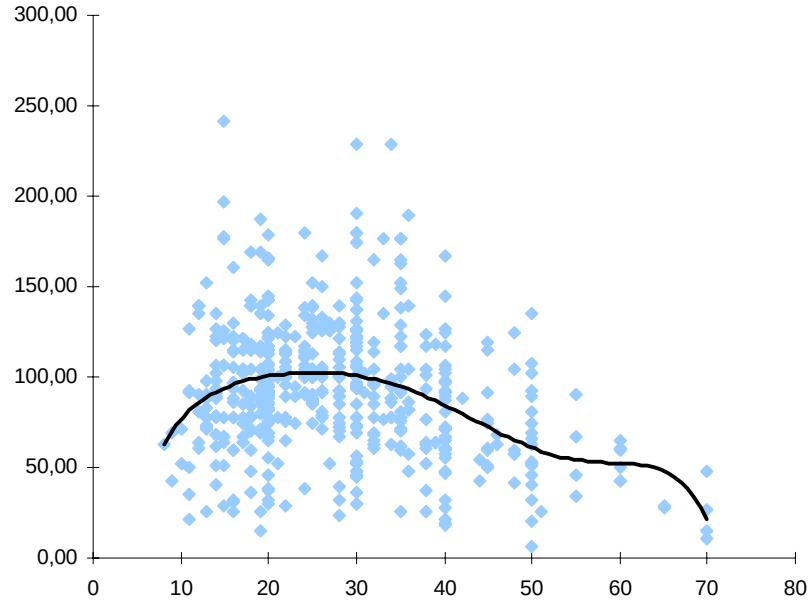


Gráfico 2: PERFIL POR IDADE DOS PREÇOS DE HOMENS COM OFÍCIOS QUALIFICADOS (1789-1839)

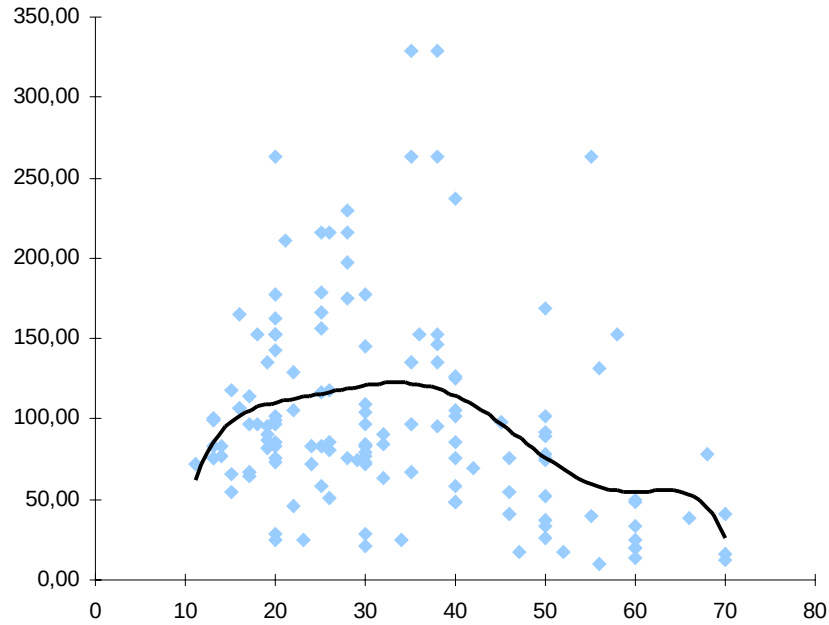


Gráfico 3: PERFIL POR IDADE DOS PREÇOS DAS MULHERES COM OFÍCIOS (1789-1839)

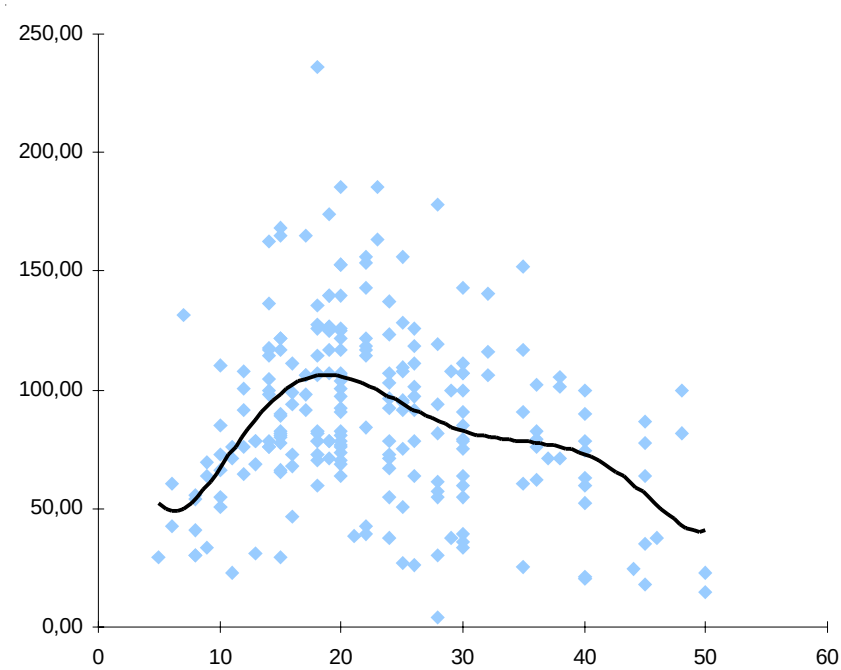


Gráfico 4: PERFIL POR IDADES DOS PREÇOS DE ESCRAVOS DO SEXO MASCULINO SEM OFÍCIOS ARTESANAIS (1789-1839)

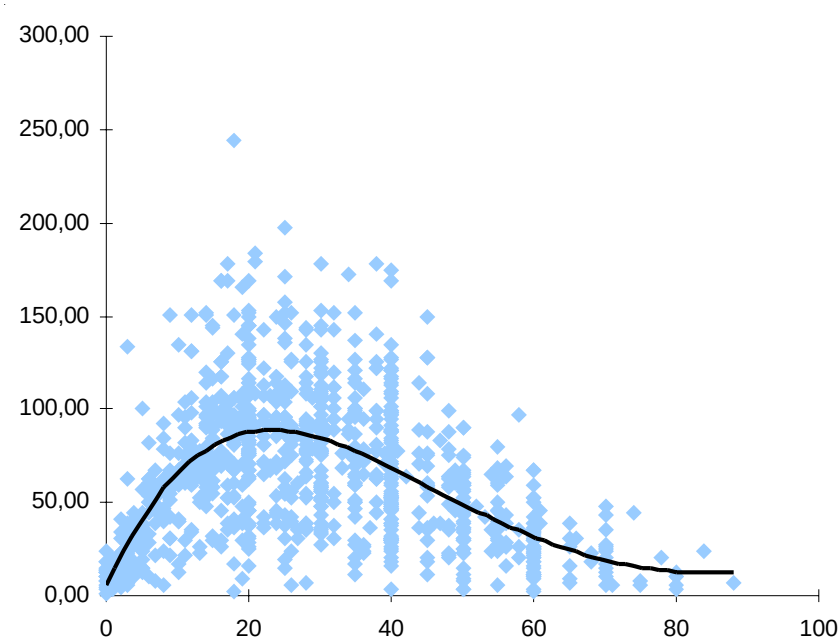
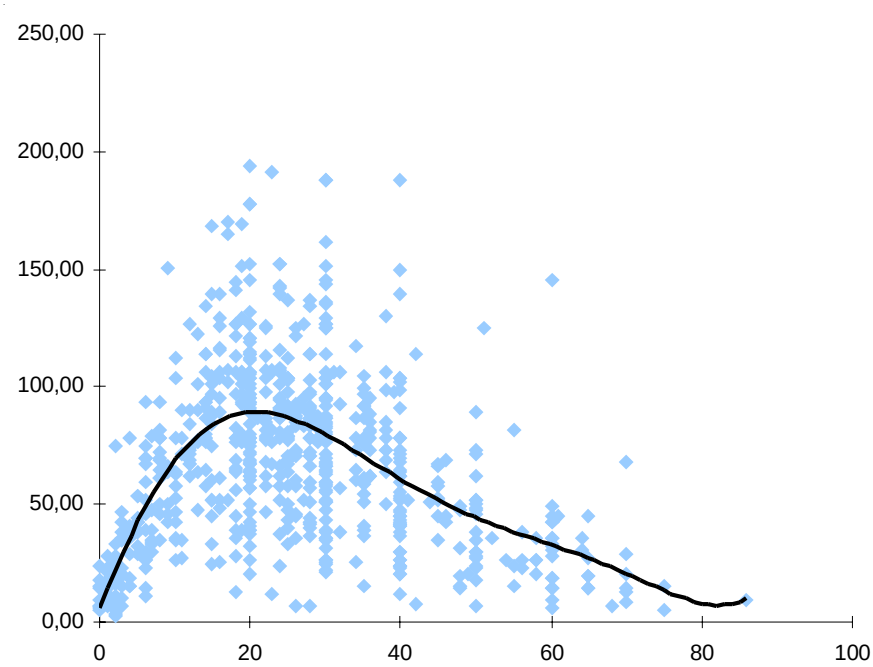


Gráfico 5: PERFIL POR IDADE DOS PREÇOS DE ESCRAVAS SEM OFÍCIOS ARTESANAIS (1789-1839)



Parte deste texto foi apresentada ao III Congresso Brasileiro de História Econômica, seguindo-se discussão na qual foram expressas questões que, na medida do possível, foram incorporadas. O autor agradece também as críticas e sugestões formuladas pelos pareceristas anônimos de *Estudos Econômicos*.
(Recebido em abril de 1999. Aceito para publicação em junho de 2000).